

Maria Djanira Andrade Costa

**QUESTÕES OBJETIVAS E INFERENCIAIS EM LIVRO  
DE LÍNGUA PORTUGUESA DO ENSINO MÉDIO**

Artigo apresentado ao Curso de Especialização em Língua Portuguesa: Ensino de Leitura e Produção de Textos, do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Regina Lúcia Péret Dell'Isola

Belo Horizonte  
Faculdade de Letras da UFMG  
2013

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	5
REFERENCIAL TEÓRICO.....	6
METODOLOGIA.....	12
RESULTADOS.....	17
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	18
REFERÊNCIAS.....	19
ANEXOS.....	21

## AGRADECIMENTOS

A Deus, a meus pais, a meus filhos Lilian e Wagner, à Dra. Janice Helena Chaves Marinho, à Dra. Regina Lúcia Péret Dell'Isola e a todos os professores e funcionários da Faculdade de Letras da UFMG.

*A linguagem se parece com um explosivo,  
visto que a junção de um elemento mínimo  
pode produzir efeitos terríveis.*

Bertrand Russel

## INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende apresentar um quadro de perguntas objetivas e inferenciais contidas em um livro didático do primeiro ano do Ensino Médio – Manual do Professor. Visa, pois, investigar se o livro didático presta-se a formar alunos pensantes, capazes de distinguir, através de pensamento crítico, questões em que haja objetividade e/ou inferências, e não unicamente efetuar transcrições e/ou cópias de textos ao responder às perguntas formuladas no livro supra referenciado.

O livro didático (LD) de Língua Portuguesa destinado à rede pública de ensino, foi implantado em todo o território nacional em 2004, através do PNL D (Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio), vinculado ao FNDE (Fundo Nacional de Desenvolvimento Estadual). Esse programa, em 2005, deu início à distribuição de catálogos às escolas, juntamente com os livros de LP (Língua Portuguesa).

Como o Ensino Médio é de responsabilidade dos governos estaduais, fica a cargo das Secretarias de Estado de Educação e Cultura determinar o tipo de Livro Didático a ser adotado em cada região.

Será analisado, especificamente, o livro didático Língua Portuguesa-1º ano, PNL D/2012 - E. M. - Manual do Professor – M Cód. Livro: 25173C0101 Primeira série – LINGUA PORTUGUESA, obra atribuída a diversos autores.

A obra sintetiza os assuntos: Literatura, Linguagem (A arquitetura da Língua) e Produção de Texto.

A escola deve formar leitores e escritores, o que vale dizer que ela se obriga a ultrapassar suas práticas “exclusivamente escolares”. A escola deve reinventar-se, enquanto espaço de múltiplas aprendizagens.

O LD é um valioso suporte para o professor, que pode e deve avaliar seu conteúdo com o propósito de reparar lacunas porventura nele encontradas, buscando alternativas para cumprimento de seu projeto de completude no ensino da LP.

## REFERENCIAL TEÓRICO

As perguntas do livro didático de Língua Portuguesa objetivo-inferenciais têm o propósito de verificar, tanto a compreensão do leitor sobre o que o texto diz, explicitamente, quanto o que nele está implícito. Questões referenciais ou objetivas não apresentam maiores dificuldades de discernimento; por essa razão, dedicaremos maiores explicações na parte alusiva à inferência.

O LD, na prática docente, consiste em apresentar como um dos recursos mais plausíveis diante das condições econômicas da população estudantil brasileira. O de Ensino Médio, objeto do nosso estudo, com maior indicação pelo PNLD/2012, condensa três conteúdos: Literatura, Linguagem e Produção de Texto, em apenas um volume que contém 216 páginas.

Embora o problema maior do ensino esteja na escassez de recursos humanos, em virtude da desvalorização docente, ainda assim cabe, ao professor, a tarefa de gerenciar e preencher certas lacunas que porventura sejam detectadas no LD, oferecendo ao aluno um conjunto variado de textos. A escola recebe estudantes que trazem consigo uma diversidade enorme de conhecimentos. Ainda que haja uma seleção prévia, há uma grande dificuldade de se estabelecer um plano horizontal de domínio da LP pelos alunos.

Para Dell'Isola (1998, p.145), *Inferência é um processo que leva um período de tempo, durante o qual um estado inicial de representação mental é mudado por outro.*

Em seguida, Dell'Isola (2001), completa o sentido de inferência: *A comunicação humana (oral, escrita ou pictórica) é eminentemente inferencial pois, por uma questão de economia, os textos, desenhos ou a própria emissão oral, nunca explicitam totalmente seu significado. Assim, grande parte do conteúdo do estímulo apresentado deve ser compreendida por meio de operações sócio cognitivas, com base tanto no conhecimento de mundo que o leitor/ouvinte detém em sua memória, como no conhecimento que tem da Língua.*

A Revista “Educação e Tecnologia,” (2.p.2004), transcreve o que afirma Dell’Isola, a respeito da inferência:

“De acordo com experimento realizado por Dell’Isola (2004, 2.p.), *enquanto as perguntas inferenciais exigem raciocínio – o que parece gerar maior índice de compreensão textual -, as perguntas objetivas preveem a busca (ou pesca) de respostas no texto lido, o que pode ser considerado um fator determinante de leitura com baixo índice de compreensão.*

A pesquisadora em questão comparou a compreensão da leitura de um mesmo texto por meio de dois tipos de perguntas (objetivas e inferenciais) e observou que, *embora não houvesse diferença estatisticamente significativa entre as respostas às perguntas objetivas e às perguntas inferenciais, foi significativa a diferença no desempenho da compreensão da leitura feita entre os alunos que responderam a perguntas inferenciais em relação aos que responderam a perguntas objetivas.*

Dell’Isola afirma que *o tipo de pergunta dirigida aos alunos pode afetar qualitativamente a compreensão deles.* Em sua investigação, foi comprovado que *os alunos que responderam a perguntas objetivas tendem a produzir uma leitura superficial do texto, porque o estudo do texto não exige deles nenhum tipo de reflexão. Os alunos que participaram do experimento, respondendo a questões objetivas, não obtiveram grande sucesso ao recontar o que leram: na reconstituição do texto, faltaram-lhes várias informações, demonstrando a precariedade da compreensão das ideias centrais da narrativa lida. Já aqueles que responderam a questões inferenciais, demonstraram melhor compreensão da leitura a eles proposta. A autora ainda alerta:*

A escola como entidade responsável pela formação de leitores, é o lugar em que ocorrem “simulações” de leitura, uma vez que os alunos são convidados a responder perguntas objetivas sobre os textos que leem (ou decodificam) e o êxito do aluno está no índice de acerto a essas perguntas. Entretanto, as características das perguntas objetivas levam o aluno a compreender o que leu? (DELL ISOLA, 2004, p. 30).”.

E a mesma Revista expõe: “Para Dell’Isola, ( 2001, 145f.), *as perguntas inferenciais promovem reflexões sobre o texto, convidando – e por que não – permitindo aos alunos a interação com esse texto, possibilitando fazer diferentes leituras dele, que também devem ser compartilhadas em sala de aula, com vistas à formação de leitores críticos. Os estudos dos mecanismos envolvidos no momento da leitura, como os de Silva(1984), Smith1991), Dell’Isola(2001), dentre outros, interessam-se pelas reações psicolinguísticas vividas pelo leitor no momento da leitura e os mecanismos intervenientes no processo. Segundo Faraco e Castro(1991,p.11), há subjacente, em boa parte desses trabalhos, uma concepção muito estreita de linguagem e de leitura, que prejudica, por exemplo, o atendimento do grupo (de pesquisadores), em relação ao ato de compreensão.”.*

De acordo com (Soares, 1986, apud Dell’Isola, 2001), afirma que *a leitura não é aceitação passiva, mas é construção ativa: é no processo de interação, desencadeada pela leitura, que o texto se constitui.”.*

Segundo FIORIN (2004, p.168), certos enunciados têm a propriedade de *implicar outros*. Assim, quando se diz *João é meu sobrinho*, esse enunciado implica *Sou tio de João*; quando se afirma *Se tivesse chovido, não haveria falta de energia*, essa afirmação implica que *Não choveu e há falta de energia*. Essas implicações derivam dos próprios enunciados e, portanto, não exigem, para que sejam feitas, informações retiradas do contexto da situação de comunicação. No entanto, em muitos casos, a comunicação não é literal e, por conseguinte, só pode ser entendida dentro do contexto. Nesse caso, os falantes comunicam muito mais do que as palavras da frase significam. Os exemplos seguintes mostram isso: (a) *não há mais homens no mundo* (b) *Você pode me passar esse pacote?*; (c) *a lata de lixo está cheia*. No primeiro caso, o que se está dizendo, quando se comenta, por exemplo, o fato de que muitos homens cuidam da casa, enquanto as mulheres trabalham fora, é que o papel masculino, tal como era concebido, está mudando. Isso só pode ser entendido num contexto específico. No segundo caso, não se pergunta sobre a capacidade que tem o interlocutor de passar o pacote, mas pede-se a ele que o passe ao falante. No terceiro caso, quando, por exemplo, a patroa diz a frase para a empregada, ela não faz uma constatação, mas indica à interlocutora que ela deve levar o lixo para fora.

De acordo com FIORIN (2004, p.174), A Pragmática deve explicar como os falantes são capazes de entender não literalmente uma dada expressão, como podem



compreender mais do que as expressões significam e por que um falante prefere dizer alguma coisa de maneira indireta e não de maneira direta. Em outras palavras, a Pragmática deve mostrar como se fazem inferências necessárias para chegar ao sentido dos enunciados.

Há duas distinções fundamentais em Pragmática: significação *versus* sentido e frase *versus* enunciado. A frase é um fato lingüístico caracterizado por uma estrutura sintática e uma significação calculada com base na significação das palavras que a compõem, enquanto o enunciado é uma frase a que se acrescentam as informações retiradas da situação em que é enunciada, em que é produzida. A mesma frase pode estar vinculada a diferentes enunciados. A frase *Está chovendo* pode ocorrer, dependendo da situação em que é enunciada, como os seguintes enunciados: Finalmente, a seca vai acabar, Não podemos sair agora; È preciso recolher a roupa; Feche as janelas, etc.

A significação é o produto das indicações lingüísticas dos elementos componentes da frase. Assim, a significação de *Está chovendo é Tomba água do céu*. O sentido, no entanto, é a significação da frase acrescida das indicações contextuais e situacionais. Num contexto em que se comenta o problema do racionamento de energia derivado do esvaziamento das represas hidrelétricas, *Está chovendo* pode significar *Agora o racionamento vai acabar*. A frase é estudada pela sintaxe e pela semântica, enquanto o enunciado é objeto da Pragmática. A Pragmática concebe que as chamadas palavras do discurso (*principalmente os conectores como conjunções, preposições, advérbios, cuja função varia de acordo com o contexto lingüístico em que se acham colocadas, significam* porque há uma instrução sobre a maneira de interpretá-las.

De acordo com Fiorin, Nos anos 1970, a Pragmática era considerada por muitos linguistas a “lata do lixo da Linguística”, pois diziam eles que ela se ocupava em resolver os problemas não tratados por outros objetos teóricos da ciência da linguagem. Seu objeto seria um conjunto de fatos marginais. Essa visão é completamente errônea. Ela trata dos princípios que regem o uso e não dos usos singulares. Se uma expressão tem vários sentidos quando é usada, isso deriva de um princípio pragmático aplicado a ela.

A Pragmática vai procurar descobrir esses princípios que governam os diferentes sentidos dados pelo uso [...] Enquanto a Sintaxe explica a boa formação das frases e a Semântica sua significação, a Pragmática explica a interpretação completa dos enunciados...( FIORIN, 2004, p.169).

John Searle, in FIORIN, (2004, p. 173), afirma: “[...] *Os atos ilocucionais* são, respectivamente, a *afirmação, a interrogação, o conselho e a ordem*. É o ato que se realiza na linguagem, ao dizer.”

O ato proposicional refere-se à referência e à predicação. Searle mostra que não podemos confundir a proposição com a força ilocutória, porque enunciados que têm força ilocucional diferente, podem exprimir a mesma proposição.

Por exemplo:

- (a) João estuda bastante
- (b) João estuda bastante?
- (c) Estude bastante, João.
- (d) Ordeno que você estude bastante, João.

Ainda para Fiorin, Expressar uma proposição é executar um ato proposicional e um ato ilocucional. Em *Eu virei amanhã*, há uma força ilocutória de *promessa* que, no entanto, não está sintaticamente marcada nos performativos explícitos.

Segundo Fiorin (2004), essa distinção entre *marcadores ilocucionais* e proposicionais permite explicar certos *fenômenos linguísticos, como da negação*. Há negações que incidem sobre o ilocucional e negações que incidem sobre a proposição. Quando se tomam enunciados com (a) *Eu lhe ordeno que saia daqui* e (b) *Eu lhe ordeno que não saia daqui*, observa-se que, em (a), *nega-se o ato ilocucional* e, em (b), *nega-se a proposição*.”

Ainda, em Fiorin, (2004), tem-se: “[...] muitas vezes, os atos ilocutórios são expressos indiretamente, são os chamados atos de fala indiretos. Por exemplo, quando alguém está atrasado, pode dizer *Desculpem-me pelo atraso* ou *O trânsito está terrível*. No primeiro caso, o ato foi expresso diretamente; no segundo, indiretamente, pois o valor patente da afirmação recobre, na verdade, um valor latente de pedido de desculpas. A mesma coisa ocorre, quando uma ordem é expressa sob a forma de um desejo: - *Eu queria um talão de cheques*; quando um pedido é feito sob a forma de uma interrogação: *Você tem um cigarro?*; e assim por diante. Seria muito estranho que o interlocutor pensasse que o falante não quer mais o talão de cheques ou que a pergunta sobre os cigarros é mera

curiosidade. Por outro lado, *o falante vale-se dos atos de fala indiretos para minimizar a força de ordem, para não constranger o interlocutor com um pedido direto, etc.*”.

A seguir, transcrevo exemplos mencionados em sala de aula por professores do Curso Proleitura, no intuito de elucidar a matéria sobre a qual ora discorreremos.

Na frase: *A porta está aberta*, o que dela posso inferir?

- a) Você deve fechá-la;
- b) A professora está expulsando o aluno da sala;
- c) Há uma vaga de emprego;
- d) Há uma autorização de acesso.
- e) Não está ventando tanto, pode deixá-la aberta.

*A inferência*, segundo Fiorin, “ tem a propriedade de se esconder sob a proteção dos textos visuais e se prestam a esclarecer tudo o que foi composto por meio das palavras. O Frame explica a inferência: fundamenta-se em *conhecimentos inteiramente compartilhados por uma comunidade linguística e cultural*. Representa o conhecimento que oficialmente não é ensinado na escola”.

Na frase: *A porta está aberta* – dita no Brasil, é entendida como: ela está aberta. Porém, em outra cultura, como em Portugal, eu devo dizer “A porta está mal fechada”.

No Brasil, quando se pergunta: - *O elevador está descendo?* A resposta, então, será: - Sim. Caso seja feita a mesma pergunta em Portugal, a resposta será: - Não, ele está parado.

Outro exemplo de inferência encontra-se em um texto bíblico no qual Jesus faz a leitura de dois ou três versículos do texto profético de Isaías, que reza: “Eu sou aquele que deveria vir”, e diz: - “*Este de quem o texto fala sou Eu*”. Houve aqui uma inferência tão impactante que todo o povo se revoltou contra Ele.

Sem conhecimento prévio, é impossível estabelecer relações de sentido. Ao professor, cabe a tarefa de investigar se o aluno o possui, pois é elemento indispensável para detectar relações inferenciais. Alternativas para desenvolver a capacidade linguística

inferencial envolvem formas de falar diversas, como a linguagem oral, a padrão, a enciclopédica (que envolve diversas áreas do conhecimento), a axiológica, como os saberes de crença e cultura e a praxeológica, que é aquela que apresenta diversos tipos de textos.

## **METODOLOGIA**

A pesquisa utilizada adotou uma análise teórica quantitativa e qualitativa, procurando, com detalhes e atenção, explicitar a maneira como o LD induz o aluno a inferir dos textos, a partir das questões a ele propostas, o sentido para além mesmos. De outro lado, a pesquisa fundamentou-se em textos teóricos de vários autores, descritos nas referências bibliográficas assentadas no final deste trabalho. Finalmente, procurou-se medir a qualidade das questões no sentido de avaliar se elas levam o aluno a pensar e a refletir sobre a leitura e não apenas a copiar as respostas contidas nela.

Em primeiro lugar, será estudado o Capítulo 1 –“ Por que ler literatura?.”

Trata-se de um interessante estímulo à sensibilidade do aluno, proporcionando-lhe uma visão ética e estética do ser humano através da leitura, em particular. Serão analisadas oito questões.

Neste capítulo, o primeiro texto analisado será: “História de Passarinho”.

Esta primeira leitura intenciona levar o aluno do 1º ano, ao iniciar seus estudos no Ensino Médio, a entrar em contato com o texto literário, sem levar em conta aspectos históricos ou de estilo, porém na direção da compreensão e da produção textual.

O texto permite ao aluno mostrar seu talento através de respostas orais e escritas, formuladas pelo professor.

Propõe-se a vincular a noção de literatura ao *ato de ler* e, desse modo, despertar o gosto pela leitura e sua compreensão, sem imposição de outros exercícios paralelos, como distinção de gêneros e/ou escolas literárias.

Em seguida, será analisado o Capítulo 2 – Literatura: gêneros e modos de leitura.

Neste capítulo, há um conto de Mário de Andrade. Analisaremos seis perguntas, destacando, dentro delas, o tema da pesquisa, para que se entenda, ao lê-las, em que aspectos as propostas auxiliam ou impedem professor e aluno de ensinar e/ou aprender a Língua Portuguesa, obtendo delas resultados satisfatórios.

Por último, trataremos do capítulo 30 – Dissertação escolar – Autoestima ingênua, cujo objetivo é o aluno avaliar, primeiramente, o texto e, em seguida, comentá-lo, por escrito, emitindo sua opinião sobre o mesmo.

A coleta de dados para este trabalho será o próprio Livro Didático já descrito, e as perguntas objetivas e inferenciais contidas no mesmo, como, igualmente, a recorrência aos autores que compõem a bibliografia descrita nas últimas páginas da presente tessitura.

A sequência será descritiva, reflexiva e argumentativa. As amostras serão extraídas do Livro Didático pesquisado.

Percebe-se que o resultado dessa pesquisa foi alcançado com o intuito de investigar, através de uma análise linguística das perguntas objetivas e inferenciais contidas no LD investigado, a importância entre língua e exterioridade, entre relação de ensino e universo exterior, entre conhecimento de mundo e questões proferidas ou escritas em sala de aula, importância essa de cunho extremamente indispensável ao desenvolvimento das competências lexical, comunicativa e gramatical do aluno.

Na presente análise, percebeu-se uma melhoria da qualidade dos livros didáticos atuais, que se tornou realidade a partir do ano de 1985, com a criação do PNLD – Plano Nacional do Livro Didático.

Por ocasião da observação das questões analisadas neste trabalho, algumas delas solicitam decodificação de significados objetivos, outras exigem comandos mistos quando, por exemplo, pedem uma explicação objetiva seguida de outra inferencial. Revelam, portanto, um nível de exigência adequado à série para a qual o livro foi direcionado.

Apesar de ser aconselhável, ao professor, não se ater apenas ao LD para ministrar suas aulas, ficou comprovado que esse livro assume uma posição privilegiada, por razões de ser ele confeccionado por especialistas, constituir-se num instrumento facilitador para o professor, ter procedência confiável, ser produzido e selecionado a partir de fonte oficial e servir, além do mais, de roteiro para o docente tomar outras iniciativas complementares, a fim de colocá-las em prática na sala de aula, de modo a conduzir o aluno ao emprego efetivo e competente da Língua Portuguesa.

Desta forma, pode-se assegurar que o *corpus* desta pesquisa muito contribuiu para o conhecimento das múltiplas possibilidades das proposições expostas no LD analisado e o quanto elas abrem espaço para o desenvolvimento do repertório vocabular-comunicativo do aluno.

Serão apresentadas as questões do LD escolhido e, na sequência, analisadas sob o ponto de vista da objetividade e da inferência.

A sequência será apresentada através das formas descritiva, reflexiva e argumentativa.

As amostras serão extraídas do LD pesquisado: Língua Portuguesa – 1º ano – Manual do Professor – PNLD/2012 – E.M. – Manual do Professor – M Cód. Livro: 25173C0101 – Série: Primeira Série – LÍNGUA PORTUGUESA.

Primeiro texto: História de Passarinho

Os autores, de início, fazem uma proposta para que o aluno leia e releia o texto e observe suas impressões sobre ele, tais como estranheza, surpresa, incômodo. Essa parte inicial visa intensificar o pensamento reflexivo do estudante antes de proceder à escritura de sua redação.

Questões:

1. O autor pede ao aluno para descrever. Essa atividade exige dele uma capacidade de produzir palavras e não de apenas transcrevê-las. Num primeiro instante, o conteúdo da frase liga-se aos sentidos veiculados no texto, porém não disponíveis nele para

cópia. Dessa forma, exige-se do aluno uma capacidade de produção textual relacionada ao sentido próprio, claramente exposto no texto. Podemos, portanto, afirmar que se trata de uma pergunta objetiva.

2. O comando linguístico solicita ao aluno expor as relações entre o homem e o passarinho e entre a mãe e o filho. Destarte, uma associação e inferência estão contidas dentro do *corpus* textual, porém não explícito. Portanto, apresenta grau inferencial elaborado de forma complexa, exigindo grande reflexão. A questão é inferencial.
3. Exige-se, nesta proposta, uma concentração mais trabalhada, inferencial de grau mediano.
4. Ao estabelecer relações entre “fuga” e “sumiço”, o aluno pode encontrar, de forma inferencial, sua resposta.
5. a) A justificativa, no caso, exigirá do aluno pouco esforço. Ainda que a resposta apresente baixa complexidade, pode ser considerada uma questão inferencial.  
b) A pergunta pode ser classificada sob ângulo inferencial.
6. A demanda, aqui, requer um ponto de vista elaborado, mais difícil de ser detectado. A questão é, pois, inferencial.
7. O ponto da discussão sugere um conhecimento de mundo. “História de passarinho” incita uma decodificação além texto. É um enunciado inferencial.
8. A explicação requerida demanda alto grau inferencial.  
Percebe-se, portanto, que somente a questão 1 é objetiva e as demais, inferenciais.

Iniciando o Capítulo 2, observaremos o texto “Vestida de preto”.

Questões:

1. Os acontecimentos marcaram o narrador, por isso ele decidiu narrá-los. É inferencial.
2. Os três momentos cruciais entre Juca e Maria podem ser percebidos facilmente: a primeira ilusão, a desilusão na adolescência e o encontro de ambos quando ela chega a casa, de volta ao Brasil. É de fácil apreensão. A pergunta é objetiva.

3. Nesta, há de se inferir que o nome *Maria* tem efeitos expressivos contidos no conto, quais sejam: o efeito do amor puro do autor, ao beijar Maria, quando ele tinha 9/10 anos; o de amor carnal, quando ela, vestida de preto, lança-lhe olhares e, nesse mesmo instante, despreza-o, ao dizer-lhe que não se casaria com um “bombeado.” A questão é inferencial.

4. a) Exige um processo inferencial para a compreensão da “verdade” contida no conto. Apresenta complexidade de alto grau, pois o aluno terá que inferir que a verdade do conto terá sido a idealização de Maria como sua companheira por toda a vida. E o que aconteceu foi uma tremenda decepção, para o autor, ao vê-la ir-se embora com outro.

b) O segundo trecho confirma o que ocorreu com o autor. Ele queria contar a verdade, que teria um final feliz; no entanto, ficou estarecido em não lograr êxito em tal intento. A questão é, pois, inferencial.

5. É uma questão objetiva que se encontra no texto. Entretanto, ao solicitar ao aluno expressar sua opinião sobre os significados associados ao vestido preto de Maria, apela para uma inferência que exige conhecimento prévio do que seja um vestido preto: uma vestimenta que sugere sensualidade e provocação; tanto é que o autor sentiu soluçar o corpo, estarecido ao ver Maria.

6. a) Apresenta grande dificuldade inferencial. Maria, a quem tanta importância ele dera era, na verdade, uma banalidade, um reflexo de sua própria personalidade: uma mulher volúvel, aventureira, instável e leviana.

b) A questão evidencia um narrador confuso, ainda, perante os comentários que vai fazer em relação à amada. É inferencial.

Questões referentes ao Texto 3, Dissertação escolar, cujo título proposto denomina-se Autoestima ingênua.

1. a) Essa proposição é objetiva, pois se encontra explícita no texto e com definição obtida através do Dicionário Houaiss.

b) Ao leitor será dado justificar o tipo de autoestima à qual o autor do texto está se referindo. Essa justificativa solicita um conteúdo inferencial.



2. A pergunta obriga à reflexão sobre a adequação do texto à proposta dada. E depois, pede a justificativa. Ambas são inferenciais, interpretativas.

3. a) Exige-se do aluno a percepção, no texto, da opinião do autor. É inferencial.

b) É inferencial porque pede ao aluno para justificar o título, propor outro e, ainda, justificar sua nova sugestão.

4. A pergunta tem característica puramente objetiva, porque o aluno pode perfeitamente encontrar no texto e transcrever dele fragmentos que são registrados na forma padrão da Língua Portuguesa.

5. a) Objetiva – pede cópia e resumo. Questão com nível baixo de dificuldade.

b) Inferencial – grau de dificuldade elevado.

c) Há inferência de grau muito elevado, pois pede a posição defendida pelo autor.

As perguntas objetivas foram três, a saber: 1 (a), 4 e 5 (a). As inferenciais foram cinco: 1 (b), 2, 3, 5(b) e (c).

## **RESULTADOS**

A análise apontou que o processo inferencial, presente nos textos escolhidos, foi bastante solicitado aos alunos no LD analisado, em número bem mais expressivo do que no processo objetivo. Essa constatação permite, a partir dos gêneros analisados, que se entenda como o LD de LP ora investigado cumpre, com sensível melhoria, seu papel formador de alunos pensantes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi constatado, no volume em estudo que, em sua maioria, as questões levam o aluno a criar e a emitir opiniões e essas habilidades conduzem-no a um aprendizado enriquecedor de suas potencialidades linguísticas, interpretacionais, inferenciais e de produção textual.

A coleção didática analisada apresenta progressão gradual maior nas questões inferenciais do que nas objetivas.

As questões subjetivas, voltadas para a opinião do aluno, representaram uma percentagem insignificante. Entretanto, junto a elas, surgem outras que exploram conhecimentos externos ao texto, apontando certo apelo à inserção, do estudante, na vida social.

No tocante ao tipo de pergunta, em menor número apareceram questões gramaticais e do tipo de interpretação de texto, como um todo.

Essas foram as lacunas mais detectadas em todos os excertos do LD analisado.

Não houve nenhuma questão em que o *corpus* contivesse a resposta pura e simples: sempre se exigia uma ação para mais.

Assim, as análises evidenciaram a perspectiva do LD ancorada na produção escrita, orientada por reflexões inferenciais que dão oportunidade ao aluno de crescer nas habilidades de conhecimento da Língua, de suas variadas tessituras e, por meio delas, tornar possível a ampliação de seu conhecimento de mundo, adequado e inserido na realidade de sua vida e da sociedade que o cerca.

## REFERÊNCIAS

A PRAGMÁTICA ARMENGAUD, Françoise- A Pragmática de Terceiro Grau: A Teoria dos atos de Fala - trad. Marcos Marcionilo – cap.IV p.99-120

BRASIL, *Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio* – PNLDEM. Brasília, 2004. Disponível em [www.mec.gov.br](http://www.mec.gov.br). Acesso em 11.02.2013.

DELL'Isola, Regina Lúcia Péret – *Leitura: inferências e contexto sociocultural*, 2001, 145 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.

DELL'Isola, Regina. *Leitura: os roteiros para estudo de texto e as habilidades de compreensão textual*. *Revista Educação e Tecnologia*, Belo Horizonte, v. 9, n.2, jul/dez/2004.

FARACO, c.; CASTRO, G. *Leitura: uma retrospectiva crítica da década de 80*. Letras, Curitiba, UFPR, n.33, p. 5-13, 1989

FIORIN, J. L. *Linguagem e Ideologia*. São Paulo, Ática, 1988, 87p. – Série Princípios, v. 137.

FIORIN, J.L. (org.) *Introdução à Lingüística I*. Objetos teóricos. A Linguagem em uso. São Paulo, Contexto, 2004. p. 168-174.

FULGÊNCIO, Lúcia. LIBERATO, Yara. *A leitura na escola*. São Paulo: Contexto, 1996.

GERALDI, W. *O texto na sala de aula*. Cascavel: Assoeste, 1995.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário da Língua portuguesa* – Instituto Houaiss de Lexicografia. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. – 1ª Edição.

KLEIMAN, Ângela. *Leitura: ensino e pesquisa*. Campinas: Pontes, 1993

KLEIMAN, Ângela. *Texto & Leitor: aspectos cognitivos da leitura*. 6. Ed. Campinas: Pontes, 1999.

LAJOLO, M. Teoria da literatura e leitura na escola. *Letras Hoje*, Porto Alegre, v.19, n.1, p.62-74, 1983.

MARCUSHI, L.A. *Compreensão de Texto: algumas reflexões*. In: DIONÍSIO, Ângela

MARCUSHI, L. A. *Leitura como processo inferencial num universo cognitivo*. In: BARBOSA, M. B. L. & CAVALCANTI, M. C. (Orgs.). I, 1984, Londrina. Anais... Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 1984

MOREIRA CAMPOS, José Maria – *Revista Literatura em Debate*, vol. 6, n. 11, p.32-52.

PNLDEM (Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio. Brasília, 2004. Disponível em [www.mec.gov.br](http://www.mec.gov.br). Acesso em 11 de fevereiro de 2013

SILVA, Ezequiel. *O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma pedagogia da leitura*. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1984.

SMITH, F. *Compreendendo a leitura: uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler*. Tradução de Daise Batista. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

SOARES, 1986, (apud DELL'Isola, 2001) UFPE, 1983 *Linguística de texto: o que é e como se faz*. Recife, Série Debates 1.